Dia 31 — São Quintino, Mártir

Martirológio Romano

A vigília de Todos os Santos.

O martírio de São Nemésio, diácono, e de Santa Lucila, virgem, sua filha, em Roma; os quais, não querendo deixar a fé de Cristo, foram degolados no dia 23 de agosto (do ano 254 ou 255) por ordem do imperador Valeriano: seus corpos, que haviam sido sepultados pelo papa Santo Estêvão e depois colocados mais honoravelmente na via Ápia pelo papa São Sisto no dia de hoje, foram posteriormente trasladados por Gregório V à diaconia de Santa Maria a Nova, junto com os corpos dos santos Sinfrônio, Olímpio, tribuno, Exupéria, sua mulher, e Teódulo, seu filho, os quais todos, convertidos à fé por meio de Sinfrônio e batizados pelo mesmo Santo Estêvão, receberam a coroa do martírio. Os corpos de todos estes Santos, achados no mesmo paradeiro no tempo do pontificado de Gregório XIII, foram mais honoravelmente colocados debaixo do altar da mesma igreja (onde se conservam) no dia 8 de dezembro.

Os santos Ampliato, Urbano e Narciso, no mesmo dia; dos quais faz memória São Paulo em sua epístola aos romanos: foram mortos pelos judeus e pelos gentios por confessar o Evangelho de Cristo. (Diz assim São Paulo, cap. 16, v. 8 e 9: «Saudai a Ampliato, a quem amo entranhavelmente no Senhor. Saudai a Urbano, que trabalhou comigo em Jesus Cristo.» Galesínio diz que Santo Ampliato foi bispo de Epilópolis, cidade da Macedônia, onde morreu mártir pela fé, e que Santo Urbano derramou seu sangue juntamente com Narciso e muitos outros numa cidade da Grécia em fins do século I. De Santo Narciso diz também São Paulo na epístola citada estas palavras: «Saudai os da casa de Narciso, que são no Senhor.»)

São Quintino, cidadão romano, da ordem dos senadores, em Vermandois, na França; o qual foi martirizado no tempo do imperador Maximiano: seu corpo, por revelação de um Anjo, foi achado incorrupto ao cabo de cinquenta e cinco anos. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Estáquio ou Stachys, em Constantinopla, consagrado primeiro bispo daquela cidade (então Bizâncio) por Santo André apóstolo. (São Paulo em sua epístola aos romanos fala igualmente deste Santo com as palavras seguintes: «Saudai meu amado Estáquio.»)

Santo Antonino, bispo e confessor, em Milão.

São Wolfgang, bispo, em Ratisbona. (Nasceu na Suábia e era de muito terna idade quando entrou no mosteiro de Reichenau, célebre escola então de ciências e virtudes, aonde acudiam muitas igrejas a escolher seus pastores. No ano 972 partiu para a Hungria a pregar o Evangelho. Algum tempo depois, por recomendação especial do imperador Otão II, foi eleito canonicamente e consagrado bispo de Ratisbona; mas continuou vivendo como um monge e os pobres tiveram sempre a maior parte em sua mesa e rendas. Foi preceptor dos filhos do duque da Baviera, os quais chegaram a ser príncipes utilíssimos à Igreja e ao Estado. Morreu em Pupping, na Áustria, no ano de 994 e em 1032 o papa Leão X o colocou no número dos Santos.)

São Quintino, Mártir

Foi São Quintino filho de um senador romano chamado Zenão, muito conhecido em Roma por suas grandes riquezas e por seu valimento com os Imperadores. Ainda que desde o nascimento da Igreja em todas as partes foram os Cristãos perseguidos sob a dominação de mais de trinta Imperadores pagãos, não deixou de florescer o Cristianismo em todas elas, particularmente naquela capital do Império, onde crescia cada dia o número dos Cristãos, acreditando que o sangue dos Mártires era fecunda semente dos verdadeiros fiéis. Não se sabe a ponto fixo o tempo em que São Quintino se converteu à fé; mas é provável que foi pelo fim do pontificado de Santo Eutiquiano, a quem sucedeu São Caio; conquista ilustre que acrescentou muito esplendor à Igreja. Era Quintino homem de belo entendimento e querendo o Senhor formar nele um de seus mais esclarecidos Mártires, desde o mesmo Batismo lhe inspirou tão ardente zelo pela Religião que desde então caminhou seguindo as pegadas dos sagrados Apóstolos. Seu abrasado amor a Jesus Cristo inflamou seu coração numa caridade tão acesa que quisera pegar o mesmo divino fogo a todos os corações e reduzir a cinzas todos os ídolos.

Logo que São Caio se sentou na cadeira de São Pedro no ano de 283, descobriu-lhe São Quintino todo o seu peito, manifestando-lhe o fervoroso desejo que tinha de levar a fé aos países onde Jesus Cristo era menos conhecido, mas particularmente às Gálias. Muito consolado o santo Pontífice por achar-se com um operário tão excelente, em tempo em que a messe era tão copiosa, louvou muito seu zelo e, concedendo-lhe a missão que desejava, assinalou-lhe por companheiro a São Luciano, a quem Santo Ouen chama seu colega no ministério do Evangelho. Logo que se publicou em Roma a generosa resolução de São Quintino, ofereceram-se a acompanhá-lo naquela apostólica expedição grande número dos mais zelosos fiéis, entre os quais se crê que foram São Crispim e Crispiniano, Victórico e Tusciano, Platão, Eugênio, Rufino, Dalero e Marcelo. Deixou São Quintino sua pátria, sua casa, seus bens e, renunciando tudo por amor de Jesus Cristo, partiu de Roma com São Luciano e adiantou-se pregando a fé até a cidade de Amiens, às margens do Somme. Ali se separaram os dois, passando São Luciano a plantar a fé em Beauvais e ficando-se em Amiens nosso São Quintino. Era o campo verdadeiramente vasto e fecundo; mas inculto, silvestre e montuoso, necessitando o santo missionário de tanto zelo como valor para desmontá-lo. Mas que não poderá um homem verdadeiramente apostólico!

Mal começou São Quintino a pregar quando mudou de semblante todo o terreno. A luz do Evangelho que alumiava os entendimentos acendia ao mesmo tempo os corações; e crescendo

cada dia o número dos fiéis, em breve tempo viu-se em Amiens uma das mais florescentes igrejas que havia nas Gálias. Na verdade não parecia fácil que produzissem menos frutos os laboriosos afãs do apostólico varão. Sendo tão poderoso em obras como em palavras, cada dia ia acrescentando novas conquistas a Jesus Cristo, tanto com seus sermões como com seus milagres. Só ao nome de Jesus, pronunciado pela boca de Quintino, punham-se em fuga legiões inteiras de demônios e cobravam a saúde todos os enfermos. De todas as partes acudiam estes a São Quintino para que os sanasse; e à saúde do corpo, que ao instante conseguiam, acompanhava sempre a da alma. Vinham os cegos conduzidos por seus guias a nosso Santo e voltavam sem eles a suas casas; e os que chegavam impedidos de todos os seus membros restituíam-se a elas sem apoio e sem arrimo. Não se falava de outra coisa em todo o país que das maravilhas que obrava o Senhor por meio de seu servo; e as bênçãos que todos davam a Deus publicavam em todas as partes a eminente santidade do novo Apóstolo.

Como metiam tanto ruído as insignes conversões que fazia cada dia, não só em Amiens, mas em todo o país circunvizinho, necessariamente haviam de desgostar muito os sacerdotes dos ídolos e os havia de pôr de mau humor contra nosso Santo. Viam desertos os templos, cobertos de pó os altares e que se ia secando o manancial das oferendas; e vestida de zelo a cobiça, tomaram a maligna resolução de perder o servo de Deus. Com este fim acudiram a Ricio Varo, que acabava de ser nomeado prefeito ou governador das Gálias e era um dos mais cruéis perseguidores do nome cristão. Celebrando este a ocasião de satisfazer seu ódio mortal ao Cristianismo, passou a Amiens pessoalmente e viu por seus olhos os assombrosos progressos que havia feito o Evangelho pelo zelo e pela boa conduta de São Quintino. Mandou prendê-lo e, levado a seu tribunal, deu princípio afeando-lhe o borrão infame que lançava a seu ilustre sangue, pois, sendo filho de um senador romano, se havia deixado infatuar das superstições dos Cristãos. Respondeu-lhe o Santo que na religião cristã não se conhecia que coisa era superstição; posto que nela só se rendia culto ao único Deus verdadeiro e se olhavam com horror as gentílicas superstições.

Irritou tanto ao Governador esta generosa resposta que, sem respeitar sua qualidade nem os privilégios de cidadão romano, mandou açoitá-lo com varas; suplício afrontoso que só permitiam as leis que se executasse com os escravos. Levantando o Santo os olhos ao céu, deu graças ao Senhor pela mercê que lhe fazia em padecer por sua glória e não cessava de invocar o dulcíssimo nome de Jesus. Ao tempo que padecia este suplício, ouviu-se uma voz do céu que dizia: «Bom ânimo, Quintino, bom ânimo; eu sou o que padeço em teus membros; eu te fortaleço e te assisto»; e no mesmo ponto caíram os verdugos em terra meio mortos, não de outra maneira que se tivessem sido feridos de algum raio. O Prefeito foi testemunha deste sucesso, que em vez de escarmentá-lo o enfureceu muito mais, atribuindo-o a arte mágica, segundo o costume dominante dos gentios, que lançavam sempre mão deste recurso para deslumbrar o povo idiota e deslustrar as maravilhas que obrava Deus em favor dos Cristãos. Mandou que o encerrassem num horroroso calabouço até o dia seguinte, com resolução de passar a mais cruéis suplícios. Logo que o Santo entrou nele converteu-se sua lobreguez numa brilhante claridade; e pela meia-noite deixou-se ver um Anjo do céu que fez pedaços as cadeias e o trasladou milagrosamente à mais formosa praça da cidade, no meio da qual desde o mesmo romper do dia começou a pregar com maior zelo que nunca. Noticioso desta maravilha o carcereiro, acudiu prontamente com seus guardas para lançar mão dele; mas ficaram tão assombrados ao vê-lo e tão movidos ao ouvi-lo que todos se converteram.

Espantado Ricio Varo, mas não convertido, à vista de tão portentoso prodígio, parecendo-lhe que, se se abrandava, a vitória do santo Mártir o desacreditaria no conceito do povo e no ânimo do Imperador, ordenou que o aplicassem à tortura e que, enquanto a máquina lhe deslocava todos os ossos, o despedaçassem a golpes de ramais armados com bolinhas de chumbo. E porque o santo Mártir se mostrava insensível a este espantoso tormento, fez que lhe regassem as chagas com azeite fervente, misturado de pez e gordura derretidas; e parecendo-lhe que todavia não era bastante vivo este penetrante fogo, mandou que ao mesmo tempo lhe abrasassem todo o corpo com tochas acesas. Mas que força tem toda a crueldade dos tiranos contra o poder de Deus? O mesmo Santo confessou ao tirano que todos os seus tormentos eram para ele delícias verdadeiras. Encheram-lhe a boca de cal viva, desfeita num fortíssimo vinagre, e o Santo a bebeu de um trago, como se fosse a bebida mais regalada e exquisita.

Comoveu-se toda a cidade de Amiens à vista deste espetáculo e toda ela começava já a alvoroçar-se contra o tirano; o qual, temendo um motim popular, fez tirar em segredo o santo Mártir e conduzi-lo à cidade de Augusta, capital então do Vermandois, aonde o mesmo dia o foi seguindo Ricio Varo. Mandou comparecer a nosso Santo e, depois de haver empregado o mais lisonjeiro das promessas e o mais terrível das ameaças, encontrando sempre inflexível o herói cristão, mandou que lhe passassem dois espetos ao longo do corpo desde o pescoço até as pernas; e para cúmulo de crueldade que lhe metessem agudos cravos entre as unhas e a carne. Em meio de tão horrorosa carnificina mostrava nosso Santo uma paciência que passava de sofrimento e se arrimava a ser gozo; o que não podendo já sofrer o tirano, mandou que lhe cortassem a cabeça, como se executou no último dia de outubro do ano 287. Acrescentam as atas de seu martírio que, quando o Santo chegou ao lugar do suplício, rogou ao verdugo que lhe concedesse alguns momentos para oferecer ao Senhor o sacrifício de sua vida. Pôs-se de joelhos, suplicando a Deus que se dignasse receber sua alma em paz, e no mesmo ponto em que lhe cortaram a cabeça ouviu-se uma milagrosa voz que dizia: «Quintino, servo meu, vem receber no céu a coroa que mereceste com tantos tormentos.» Puseram-se sentinelas de vista ao santo corpo para que os Cristãos não lhe tributassem a honra da sepultura; e chegada a noite, mandou o Governador que o arrojassem no rio Somme com uma grande massa de chumbo ao pescoço, para que, afundando-se no mais profundo, servisse de pasto aos peixes.

Tendo cessado a perseguição com a morte de Diocleciano e Maximiano, uma matrona romana chamada Eusébia, que havia perdido a vista corporal, estando em oração ouviu uma voz que lhe dizia que, se a queria recobrar, fizesse uma viagem a Vermandois e dispusesse que se tirasse do rio Somme o corpo de São Quintino. Executou-o a boa senhora e, tendo-se informado onde podia estar o corpo de São Quintino, um homem ancião lhe assinalou o sítio onde se dizia que havia sido arrojado no rio. Deu ordem para que a sua custa se fizessem diligências de encontrá-lo; e mal se descobriu o santo corpo, quando se viu vir nadando de muito longe a cabeça que estava separada e, com novo prodígio, a matrona romana recobrou a vista logo que adorou o santo corpo. Contentaram-se por então com pôr as santas relíquias num sepulcro, o qual cobriram tanto de terra, por ocultá-lo melhor, que em breve tempo se perdeu a memória de onde estava, bem que persuadidos sempre de que estava dentro da igreja que se havia fabricado naquele mesmo lugar.

Crescendo cada dia o culto de nosso Santo, desejava-se com ânsia tirar da obscuridade aquele sagrado tesouro para expô-lo à veneração dos fiéis. Pelos anos de 640, um clérigo chamado

Maurino, tão desregrado em seus costumes como cheio de ambiciosa hipocrisia, publicou que se lhe havia manifestado por revelação onde estava o corpo do Santo e, com o maior descaro, ele mesmo se pôs a cavar para desenterrá-lo; mas mal havia começado a mover a terra, quando se lhe pegou às mãos o cabo da enxada com que cavava, segundo diz Santo Ouen, de maneira que ao instante se encheram todas de vermes, e o desditoso clérigo morreu no dia seguinte. À vista de tão estranho sucesso esfriou-se muito o desejo de buscá-lo, até que, tendo sido Santo Elói nomeado bispo de Noyon e do Vermandois, determinou buscar aquela preciosa relíquia. Depois de três dias de jejum e de orações encontrou enfim o sagrado tesouro, que colocou numa caixa; e aumentando-se cada dia o concurso dos povos, dentro de pouco passou o curto lugar a ser uma cidade, que tomou o nome de São Quintino, onde repousam até hoje as relíquias de nosso Santo.

São Nicolau e Companheiros Mártires, Chamados Comumente os Santos Mártires de Ledesma

Muito aos princípios da dominação dos mouros na Espanha, os vizinhos de Ledesma, chamada antigamente Bletisa, obtiveram licença para fazer uma igreja às margens do Tormes, que dedicaram a São João, e nela exerciam livremente os ofícios divinos e instruíam a juventude em letras latinas (ao modo que os sacerdotes de Córdova praticavam em suas igrejas). Estando assim frequentada de jovens cristãos aquela escola, dispôs Deus que um filho do senhor ou régulo de Ledesma, chamado Mafoma, passando várias vezes pela igreja de São João, com motivo de divertir-se no campo, se afeiçoasse aos jovens cristãos, com o desejo de divertir-se em sua companhia e aprender as mesmas letras. Manifestou a seu pai a intenção e, não querendo este desgostá-lo, condescendeu com seu desejo, a cujo fim chamou dois clérigos cristãos, chamado um Nicolau e outro Leonardo, aos quais entregou seu filho para que lhe ensinassem latim e as demais letras. Com o trato e afeição com que o jovem olhava os Cristãos, foi-se inflamando de dia em dia no amor de Cristo nosso bem, com tanta força que chegou a pedir com instância que o batizassem. Os clérigos, considerando o furor de seu pai, não se atreveram a fazê-lo; mas o jovem reiterava de contínuo suas instâncias com tanto fogo que, persuadindo-se os dois sacerdotes de que na negativa se resistiam à vontade de Deus, concederam-lhe por fim o Batismo, pondo-lhe o nome de Nicolau em lugar do de Ali que tinha.

Não obstante a cautela que observaram os dois ilustres sacerdotes, chegou a entender o pai a novidade de que seu filho era cristão. Não se pode explicar a turbação em que se acharia o peito de um príncipe maometano e quantas artes preveniria para desfazer o efetuado; mas como não há força contra Deus, não podendo fazer por bem nem por mal que voltasse atrás em seu propósito, mandou encarcerá-lo com os dois clérigos; e não bastando tampouco nenhum rigor para apartá-los da confissão da fé, sentenciou-os a que fossem apedrejados e mandou queimar depois de morto o menino. Executou-se este sacrifício no átrio da mesma igreja de São João, onde o santo jovem

havia recebido a graça do Batismo. O desditoso pai rebentou ao terceiro dia depois do glorioso triunfo destes Confessores da fé.

O manuscrito antigo que se conserva na urna das relíquias dos santos Mártires acrescenta algumas coisas; outras conta com alguma variedade. Diz que levaram os santos Mártires desde o cárcere ao campo da igreja nus e com as mãos atadas às costas: que a gentalha que os acompanhou ao suplício ia presidida do pai mesmo do bendito menino: que o menino se ajoelhou no lugar do suplício e que o pai, agarrando-o dos cabelos com a mão esquerda, levantou a direita com o alfanje e lhe perguntou sua última determinação; e como ele respondesse que desejava morrer por Cristo, cortou-lhe o pai a cabeça e mandou que apedrejassem o cadáver e logo que o arrojassem na fogueira que estava prevenida. Diz também que os dois sacerdotes foram ali atados a uns paus e esfolados e logo apedrejados, deixando-os sem sepultura.

Os Cristãos recolheram as cinzas do santo menino, com alguns ossinhos que não se acabaram de queimar, e também os dos santos sacerdotes, que se conservam hoje (ou se conservavam ao menos antes da última destruição dos conventos) em duas bolsas de seda, guardando-se também o vestido do santo menino, que é a modo de uma bata de algodão, matizada com algumas gotas de sangue, como recentemente derramada. Tudo isto se conserva numa caixa de madeira na igreja do convento de São Francisco que se fundou no mesmo lugar, obrando Deus muitas maravilhas por intercessão de seus servos.

No século XII, vivendo o bispo de Salamanca Navarrão, isto é, antes de 26 de janeiro do ano de 1177, em que morreu este Bispo, dois prebendados daquela santa igreja roubaram estas relíquias com ânimo de colocá-las nela. Aos quais castigou Deus com mão pesada; porque um se inchou e rebentou aos três dias: quando este houve morrido, adoeceu o outro gravemente e chamou o Bispo e lhe contou o caso. Morreu também e o Bispo recolheu as relíquias e voltou-as à igreja de Ledesma. Consta isto por uma escritura daquela santa igreja que leu Gil González e publicaram ele e o M. Flórez. Deste sucesso se colige também quão antigo é o culto que têm os santos Mártires naquele bispado. Uma devota senhora chamada D.ª Controya, vizinha de Ledesma, renovou esta igreja que serve (ou servia) para o convento de São Francisco e, tendo deixado por sua herdeira a religião de São João, quis esta Ordem depois que tomou posse daqueles bens trasladar a Rodes as relíquias dos santos Mártires. Opuseram-se a isto os vizinhos de Ledesma e o grão-mestre, a instância deles, cedeu-lhes esta igreja para fundar nela um convento da Ordem de São Francisco.

Este martírio deveu acontecer muito aos princípios da irrupção dos mouros, porque de Gil de Zamora se colige que o pai do jovem São Nicolau alcançou o rei D. Rodrigo.

A memória destes santos Mártires costuma pôr-se em tal dia como hoje. No século passado e princípios do presente celebrava-se-lhes em Ledesma festa muito solene com procissão. (Risco, t. 14, pág. 295 e seguintes.)

Comemoração da Batalha do Salado

A santa igreja de Toledo e outras da Espanha celebram neste dia a memória da famosa batalha cuja vitória conseguiram os espanhóis contra os mouros, segunda-feira 30 de outubro, pelos anos de 1340, junto ao rio Salado, do qual tomou o nome. Todas as histórias estão de acordo em considerar como milagrosa dita gloriosa vitória e não é de estranhar que neste dia a católica Espanha celebre tão fausto sucesso, dando graças a Deus pelo singular benefício que lhe foi dispensado. Foi desta maneira:

«Cumpria-se o termo das tréguas entre os mouros e cristãos e preveniam-se uns e outros para a guerra. O rei Albohacen enviou da África a seu filho Abomeliche com cinco mil cavalos; e assentando seus reais junto a Jerez, destacou mil e quinhentos cavalos contra Nebrija, vila posta à boca do Guadalquivir. Os nossos, que com a presteza em surpreendê-los quiseram suprir a desigualdade do número dos dois exércitos, lançaram-se sobre os mil e quinhentos de a cavalo: e lograram tão bom êxito que mal escapou nenhum deles: e alentados com este bom princípio os Cristãos, resolveram lançar-se sobre Abomeliche, que vinha sem ordem sobre Arcos, confiado em algumas vantagens precedentes; mas avantajando-se os nossos no combate, foram destroçados e postos em fuga os mouros. Abomeliche fugiu a pé pela grande turbação, mas a aceleração dos que seguiam o alcance fez que ficasse entre os mouros. Apoderaram-se de toda a bagagem os Cristãos e quanto gozo e honra lhes ocasionou a estes a vitória, tanta dor e confusão ocasionou aos africanos a morte de Abomeliche e perda de uns dez mil mouros.

«Albohacen, para vingar este quebranto, veio da África à Espanha com setenta mil cavalos e quatrocentos mil infantes, com não menor armada pelo mar. Parecia que ameaçava o fim a nossa Espanha, pois jamais se viu nela tão numerosa tropa de inimigos. Os nossos avistaram-se com o mouro sobre Tarifa, mas com somente catorze mil cavalos e vinte e cinco mil infantes: o rei de Portugal concorreu pessoalmente com mil cavalos dos mais escolhidos; e não obstante a desigualdade do exército, resolveram-se a que em nome de Deus se desse a batalha ao tempo de amanhecer. Publicou-se a Cruzada: alentam-se uns e outros e o efeito diz o alento dos nossos: pois lograram uma total vitória, com morte de duzentos mil mouros e não poucos prisioneiros. Este triunfo e os despojos do campo deixaram tão engrandecida e rica a Espanha que se baixou o valor da moeda e se subiu o das mercadorias. Albohacen voltou à África aquela mesma noite, porque a notícia da perda não alvoroçasse o reino ou o tomasse para si Abderrâmão, seu filho, que o governava.» (Flórez, *Clav. Hist.*)

Missa (oração)

A missa é em honra de São Quintino, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Præsta, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui beati Quintini natalitia colimus, intercessione ejus in tui nominis amore roboremur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus todo-poderoso, que nos fortifiqueis no amor de vosso santo nome pela intercessão de São Quintino, cujo ditoso nascimento ao céu celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é da primeira do apóstolo São Pedro, capítulo 4 (o impresso traz «ix»).

1 Pedro 4,13-19

> **Latim:** 13 sed communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exsultantes. 14 Si exprobramini in nomine Christi, beati eritis : quoniam quod est honoris, gloriæ, et virtutis Dei, et qui est ejus Spiritus, super vos requiescit. 15 Nemo autem vestrum patiatur ut homicida, aut fur, aut maledicus, aut alienorum appetitor. 16 Si autem ut christianus, non erubescat : glorificet autem Deum in isto nomine : 17 quoniam tempus est ut incipiat judicium a domo Dei. Si autem primum a nobis, quis finis eorum, qui non credunt Dei Evangelio ? 18 et si justus vix salvabitur, impius et peccator ubi parebunt ? 19 Itaque et hi, qui patiuntur secundum voluntatem Dei, fideli Creatori commendent animas suas in benefactis.

Português: 13 mas folgai de serdes participantes das penalidades de Christo, para que folgueis tambem com júbilo na apparição da sua gloria. 14 Se sois vituperados pelo nome de Christo, bemaventurados sereis: porque o que ha de honra, de gloria, e de virtude de Deos, e o espírito que he d'elle, repousa sobre vós. 15 Porém nenhum de vós padeça como homicida, ou ladrão, ou maldizente, ou cubiçador do alheiro. 16 Se elle porém padece como Christiano, não se envergonhe: mas glorifique a Deos neste nome: 17 porque he tempo que principie o juizo pela casa de Deos. E se primeiro começa por nós: qual será o paradeiro d'aquelles, que não crem no evangelho de Deos? 18 E se o justo apenas se salvará, o ímpio e o peccador onde comparecerá? 19 Assim que tambem aquelles, que soffrem segundo a vontade de Deos, encommendem as suas almas ao seu fiel Creador, fazendo boas obras.

Reflexões

«Se fordes afrontados pelo nome de Jesus Cristo, sereis bem-aventurados.» Assim pensava São Pedro e assim pensaram e pensarão como o mesmo santo Apóstolo até o fim de todos os séculos todos os que tiverem o verdadeiro espírito de Deus. Que maior honra, que glória maior, que maior vantagem, nem que bem mais sólido e mais verdadeiro que padecer e ser maltratados pelo nome de Jesus Cristo? Não há maior prova do amor que temos a Deus, não há demonstração mais clara de um grande fundo de religião que esta ilustre paciência; na terra não há coisa mais honorífica nem mais gloriosa para o homem que padecer pela glória de Deus. Triunfavam de alegria os Apóstolos ao sair do concílio ou da sinagoga por haverem-nos julgado dignos de ser maltratados pelo nome de Jesus. Tragamos à memória aqueles tantos milhões de Mártires, que nunca se consideraram mais ditosos que quando se viam fartos de opróbrios por amor daquele a cuja glória sacrificavam sua vida. Ponhamos aos olhos da consideração o indigno modo com que o mundo tratou tantos grandes servos de Deus, de que não era digno o mesmo mundo; e sem retroceder com a reflexão aos séculos passados, notemos com quanta indignidade é tratada hoje a virtude cristã pelos ímpios, pelos dissolutos e por todos aqueles que estão embebidos no espírito do mundo. Com que insulsas chocarrices não se burlam da devoção e dos devotos? que sátiras tão picantes não desprendem contra o regramento dos costumes, contra a modéstia, a gravidade, a circunspecção e o retiro dos bons? Tratam-nos de espíritos apoucados, de gente insociável, de homens de curto entendimento. O mundo é o que lhes faz causa, como a inimigos de suas desordens; e o mundo é o que não pode levar com paciência seu judicioso proceder e sua cordura. A pureza de seus costumes é uma importuna e penetrante censura da dissolução dos mundanos; isto é o que os põe e os porá sempre de mau humor contra os servos de Deus. Honram-se os Santos depois de sua morte; mas em troca maltratam-se bem em vida. Não há que estranhá-lo. «Se o mundo vos aborrece a vós, diz o Salvador, tende entendido que primeiro me aborreceu a mim.»

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João (o impresso traz «xiii ... pág. 555» e remete a outra página).

João 15,17-25

> **Latim:** [17] Hæc mando vobis : ut diligatis invicem. [18] Si mundus vos odit, scitote quia me priorem vobis odio habuit. [19] Si de mundo fuissetis, mundus quod suum erat diligeret : quia vero de mundo non estis, sed ego elegi vos de mundo, propterea odit vos mundus. [20] Mementote sermonis mei, quem ego dixi vobis : non est servus major domino suo. Si me persecuti sunt, et vos persequentur ; si sermonem meum servaverunt, et vestrum servabunt. [21] Sed hæc omnia facient vobis propter nomen meum : quia nesciunt eum qui misit me. [22] Si non venissem, et locutus fuissem eis, peccatum non haberent : nunc autem excusationem non habent de peccato suo. [23] Qui me odit, et Patrem meum odit.

> [24] Si opera non fecissem in eis quæ nemo alius fecit, peccatum non haberent : nunc autem et viderunt, et oderunt et me, et Patrem meum. [25] Sed ut adimpleatur sermo, qui in lege eorum scriptus est : Quia odio habuerunt me gratis.

Português: [17] Isto he o que eu vos mando, que vós ameis huns aos outros. [18] Se o mundo vos aborrece: sabei que primeiro do que a vós, me aborreco elle a mim. [19] Se vós fosseis do mundo: amaria o mundo o que era seu: mas porque vós não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso he que o mundo vos aborrece. [20] Lembrai-vos da minha palavra, que eu vós disse: Não he o servo maior do que seu Senhor. Se elles me perseguirão a mim, tambem vos hão de perseguir a vós: se elles guardárao a minha palavra, tambem hão de guardar a vossa. [21] Mas elles far-vos-hão todos estes maos tratamentos por causa do meu nome: porque não conhecem aquelle, que me enviou. [22] Se eu não viera, e não lhes tivera fallado, não terião elles peccado: mas agora não tem desculpa no seu peccado. [23] Aquelle, que me aborrece: aborrece tambem a meu Pai. [24] Se eu não tivera feito entre elles taes obras, quaes não fez outro algum, não haveria da parte d'elles peccado: mas agora elles não sómente as virão, mas ainda me aborecerão tanto a mim, como a meu Pai. [25] Mas isto he para se cumprir a palavra, que está escrita na sua lei: Elles me aborecerão sem motivo.

Meditação

De não dilatar a conversão

Primeiro ponto

Considera que ninguém há que no espaço de sua vida não tenha tido algumas vezes o pensamento, e até os desejos, de converter-se a Deus perfeitamente. Há certos momentos felizes em que, a favor de não sei que luz interior, se descobrem tantas nulidades em todas as criaturas; se encontra tão pouca solidez em todas as coisas daqui de baixo; e se olha com tanto tédio aquilo mesmo em que antes se achava maior atrativo, que não é possível deixar de confessar que é uma insensatez o não servir a Deus. Sobra entendimento para render-se às razões que convencem a necessidade de mudar de vida; mas falta generosidade e valor para resistir às paixões que nos têm feito vis escravos seus. Entre estes dois partidos acha o amor-próprio um temperamento: satisfaz a razão convindo em que a conversão é indispensável; mas se acomoda com a covardia, induzindo-a a que a dilate e continuando entretanto no exercício de nossos viciosos costumes. Mas é visível que inteiramente nos engana, porque esta mesma dilação nos põe em evidente perigo de não converter-nos jamais. Para converter-se são necessárias três coisas: tempo, vontade e graça. Ainda que se dilatasse a conversão não mais que um só dia, quem nos disse que teremos esse dia para converter-nos? quem nos disse que, ainda logrando este dia, teremos então melhor vontade que ao presente? E que revelação nos assegurou que se nos dará então uma graça mais eficaz que

tantas outras a que temos resistido até agora? Há coisa mais incerta que o tempo? A infinitos surpreendeu a morte na véspera de sua conversão. Não há maior desconsolo que morrer-se um com só o projeto de uma conversão futura. «Todavia não é tempo, se costuma dizer, de romper estas prisões, de deixar aquela ocasião, de corrigir este vício, de empreender uma vida mais cristã e mais santa.» Bem; mas quando há de chegar este tempo? Quando se esfrie o ardor da mocidade, quando os anos e as experiências nos tenham desenganado das bagatelas que agora nos ocupam e quando todas as coisas concorram a levar-nos e a voltar-nos a Deus? Assim discorrem, assim raciocinam os homens sobre o projeto de sua salvação; quase todos pensam neste particular de uma mesma maneira; mas raciocinam e discorrem com solidez? Há segurança de chegar a essa idade em que, sossegada a razão e calmadas as paixões, se conheça, se experimente e se palpe a vaidade de tudo o que agora nos encanta? De quando cá podemos nós dispor do tempo e dos momentos de que só é dono o Pai celestial? E sem embargo, nisto se funda a maior parte dos homens. Além disso, quem nos disse que as paixões se debilitam com a velhice? Antes bem sucede todo o contrário: ao passo que vão decaindo as forças corporais, vão-se fortificando mais e mais os hábitos viciosos, aproveitando-se, digamo-lo assim, da mesma debilidade do espírito. Oh, e que raras vezes se vê um velho dissoluto perfeitamente convertido!

Segundo ponto

Considera que se engana muito o que imagina que a última enfermidade é afinal um seguro recurso para remediar o dano destas perigosas dilações. Que homem de razão, por pouco entendimento que tenha, se poderá persuadir a isto? Uma conversão verdadeira não é negócio de um dia. É preciso que seja longa a enfermidade; mas por isso mesmo que é longa não se crê que esteja a morte muito perto. Familiariza-se um, por dizê-lo assim, com a mesma doença, e sua mesma duração faz o enfermo mais fraco e mais covarde; mas o faz porventura mais devoto? Para converter-se verdadeiramente é necessário um grande desembaraço e uma grande liberdade de espírito; mas um enfermo tem esta liberdade e este desembaraço? Gozará a alma de muita tranquilidade, cercada de agudíssimas dores e combatida de pavorosos sobressaltos? Quem nos disse que nossa última enfermidade será isenta, por um novo milagre, de todos estes inconvenientes? Que homem de juízo reservaria para a última enfermidade um negócio temporal de alguma consequência? E será prudência, será cordura reservar para ela o negócio de nossa eterna salvação? Por outra parte, que enfermo tem crido até agora que sua enfermidade era a última? E entre todos os que dilatam a conversão para a hora da morte, têm-se visto muitos que verdadeiramente se tenham convertido naquela hora? É verdade, diz Santo Agostinho, que se aceita a penitência daqueles que dão então sinais de converter-se; mas não creio que se deva fazer grande cabedal daqueles sinais. Até agora não temos querido verdadeiramente converter-nos, ao presente tampouco o queremos; pois que motivo temos para crer que o quereremos eficazmente no futuro? É que até agora temos tido estorvos: bem; mas os estorvos crescem com as paixões, as paixões com os hábitos viciosos e os hábitos viciosos com a idade. Até aqui to estorvaram os passatempos da mocidade e depois te embaraçarão os negócios sérios da idade madura. «Em todo tempo (me dirás) se pode um converter»: não to nego; mas quem te disse que em todo tempo estarás disposto a converter-te? Se não o quiseste fazer quando Deus te solicitava; quando eram menores os estorvos; quando os laços não eram nem tão fortes nem tão multiplicados; quando os hábitos estavam menos arraigados e não eram tão veementes as

paixões; podes racionalmente esperar que o farás quando serão quase infinitos estes estorvos, quando estejam mais apertados os laços e as paixões sejam mais inveteradas? Cansado Deus de tua resistência a sua graça, só te deixará com os auxílios suficientes, que bastarão para que te possas converter, mas não para que efetivamente te convertas. Não só é provável, é certíssimo que tudo se arrisca em dilatar a conversão; pois que homem será tão insensato que não tema expor-se a tanto risco?

Isto está feito, Senhor, isto está feito; já não quero dilatá-lo mais. Mas por boa que seja minha vontade, nada se fará se vossa graça não acode a socorrer-me. Não permitais que estas salutares reflexões que Vós mesmo me inspirais, e são verdadeira prova do desejo que tendes de minha conversão, sejam inúteis para mim. Vós quereis que me converta, eu me quero converter, pois fazei que isto se efetue sem a menor dilação.

Jaculatórias

Isto está feito, Senhor; já chegou, enfim, aquele ditoso momento em que quero ser todo vosso. Reconheço a poderosa mão do Altíssimo na mudança que experimento. (Sl 76.)

Resolvido estou, Senhor, desde este mesmo ponto a viver inteiramente regrado a vossa santíssima lei; não permitais que jamais me desvie um ponto dela. (Sl 118.)

Propósitos

1. Viu-se jamais no mundo um só delinquente, um réu condenado à morte que, estando pronto o príncipe para conceder-lhe o perdão, lhe suplicasse que diferisse a graça para outro tempo? Oferece-nos Deus sua amizade; brinda-nos com sua graça; mas não nos dá vontade de admiti-la por ora. Dizemos-lhe, se não com as palavras, ao menos com as obras, que espere um pouco, que tenha um pouco de paciência, até que estejamos de humor e nos venha o capricho de corresponder-lhe. Solicita-nos, e mais nos solicita, mas não importa; queremos que se reserve sua amizade para melhor ocasião. E teríamos alento para portar-nos assim com o homem mais desprezível do mundo? Mas como nos portaríamos com o que tivesse valor para fazer isto mesmo conosco? Qualquer entendimento um pouco racional se alvoroçaria com esta conduta, quanto mais um entendimento cristão. Não te contentes com abominá-la especulativamente; olha com maior horror a prática. Mais de uma vez no discurso deste ano tens feito muitas reflexões e meditações sobre este importantíssimo ponto; pois examina hoje se foram eficazes tuas resoluções e guarda-te bem de que te suceda o mesmo com esta meditação.

2. Prostrado aos pés de um Crucifixo, ou em presença do santíssimo Sacramento, reflete bem os capítulos de tua conversão. Sobre que há de recair esta? que tens que reformar em teus costumes e em tua vida? que paixão deves domar? que vitória conseguir de tuas inclinações, de teus maus costumes? Que tens que regular em tua família, em teu trem, em tua pessoa e no público? que há que reformar em tuas palavras, em tuas ações, em teus modos, em tuas diversões e em tua

profanidade? Não o dilates para amanhã; e faze que hoje mesmo se conheça tua conversão em tua reforma. Se se passa este dia sem converter-te, há grande perigo de que nunca te convertas: « *Quodcumque facere potest manus tua, instanter operare; quia nec opus, nec ratio, nec sapientia, nec scientia erunt apud inferos, quo tu properas.*» (Faze prontamente tudo aquilo que está em tua mão fazer; porque na sepultura, aonde vais caminhando a toda pressa, não há obras, nem razão, nem prudência, nem sabedoria.) (Ecl 9,10.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:12 by Admin
Updated 20 November 2026 20:54:12 by Admin